

JESUS EM CONFRONTO COM AS FORÇAS DO MAL
NO TEMPLO DE JERUSALÉM
Um olhar a partir de Mc 11,15-19

*João Luiz Correia Júnior**

Resumo

Uma das ações mais ousadas de Jesus contra as forças do mal é sua intervenção expulsando os vendedores do Templo de Jerusalém. Sem dúvida, trata-se de um episódio muito importante para a compreensão da ação messiânica de Jesus. Prova disso é que a narrativa está presente nos quatro evangelhos. Por que Jesus teria agido com tamanha indignação ética? Que forças maléficas estavam sendo denunciadas com esse gesto simbólico? Em busca dessas respostas, a partir de Mc 11,15-19, procuramos compreender o alcance da Boa-nova de Jesus.

Palavras-chave: *Evangelho. Messianismo. Templo de Jerusalém. Movimento de Jesus. Ação simbólica.*

Abstract

One of Jesus' most daring actions against the forces of evil is his intervention by moving out the sellers from the Jerusalem Temple. Undoubtedly, this is a very important episode for understanding the messianic action of Jesus. Proof of this is that the narrative is present in the four Gospels. Why would Jesus have acted with such ethical indignation? What evil forces were being denounced with this symbolic gesture? In search of these answers, from Mk 11:15-19, we seek to understand the reach of the Good News of Jesus.

Keywords: *Gospel. Messianism. Temple of Jerusalem. Movement of Jesus. Symbolic action.*

* Doutorado em Teologia, com concentração na área bíblica, pela PUC-RIO. Pós-doutor em Ciências da Religião pela PUC-GOIÁS. Professor do Curso de Teologia e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco. Assessor do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, em Pernambuco.

Introdução

A narrativa de Mc 11,15-19 é um episódio muito importante na ação messiânica de Jesus; tão importante, que está presente nos quatro evangelhos. Esse episódio denuncia a corrupção dentro do Templo, um dos pilares da cultura religiosa judaica.

Num gesto carregado de indignação, Jesus entra no Templo, expulsa vendedores e compradores, vira as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e não permitia que ninguém carregasse objetos através do espaço sagrado do Templo. E, por meio de ensinamentos das Sagradas Escrituras, deixa evidente as causas de sua indignação: a casa do Senhor, o Templo, que segundo oráculo de Isaías (56,7), é “a casa de oração é para todos os povos”, foi transformada num “covil de ladrões”, termo que se encontra em um dos oráculos de Jeremias (Jr 7,11).

Analisemos a perícopes (trecho do texto com sentido completo) que está em Mc 11,15-19. A opção pelo Evangelho de Marcos é por se tratar do texto mais antigo que chegou até nós. O objetivo é compreender a importância dessa atuação, do ponto de vista do messianismo de Jesus, bem como as consequências que vieram a partir daí.

1. Análise literária de Mc 11,15-19

A ação de Jesus narrada em Mc 11,15-19 é sucinta, mas muito forte. Tomemos por base deste estudo a tradução da Bíblia de Jerusalém¹:

¹⁵*Chegaram a Jerusalém.*

E entrando no Templo, Ele começou a expulsar os vendedores e os compradores que lá estavam:

Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas,

¹⁶*e não permitia que ninguém carregasse objetos através do Templo.*

¹⁷*E ensinava-lhes, dizendo: “Não está escrito: ‘Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões!”*

¹⁸*Os chefes dos sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam como fazê-lo perecer; eles o temiam, pois a multidão estava maravilhada com seu ensinamento.*

¹⁹*Ao entardecer, Ele se dirigiu para fora da cidade.*

1. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

Num primeiro momento, vejamos o contexto literário em que está inserido esse confronto de Jesus com as forças do mal, no Templo de Jerusalém. Em seguida, passamos a observar os aspectos literários mais importantes da perícopes.

1.1 O contexto literário de Mc 11,15-19

No contexto literário imediato, é interessante observar que a narrativa da intervenção no Templo de Jerusalém está inserida no episódio da figueira estéril:

Mc 11,12-14: No dia seguinte, quando saíam de Betânia, teve fome. Ao ver, a distância, uma figueira coberta de folhagem, foi ver se acharia algum fruto. Mas nada encontrou senão folhas, pois não era tempo de figos. Dirigindo-se à árvore, disse: “Ninguém jamais coma do teu fruto”. E seus discípulos o ouviam.

Mc 11,15-19: A intervenção de Jesus no Templo

Mc 11,20-25: Passando por ali de manhã, viram a figueira seca até as raízes. Pedro se lembrou e disse-lhe: “Rabi, olha a figueira que amaldiçoaste: secou”. Jesus respondeu-lhes: Tende fé em Deus. Em verdade vos digo, se alguém disser a esta montanha: Ergue-te e lança-te ao mar, e não duvidar no coração, mas crer que o que diz se realiza, assim lhe acontecerá. Por isso vos digo: Tudo quanto suplicardes e pedirdes, crede que já o recebestes, e assim será para vós. E quando estiverdes orando, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe para que também vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas.

O que dá unidade a esse conjunto literário (Mc 11,12-25) é o fruto: Jesus, com fome, vai procurar o fruto da árvore e não acha um sequer; vai ao Templo, “casa de oração”, e não encontra o ambiente propício para orar, uma vez que foi transformada num “covil de ladrões”. A árvore infrutífera para nada serve: secou até a raiz.

Temos aqui um ótimo exemplo da técnica redacional de Marcos. Ele repartiu em dois blocos o episódio da figueira amaldiçoada e ressequida, inserindo no meio a cena de Jesus no Templo. Desse modo, o episódio da figueira estéril assume uma clara referência simbólica à esterilidade de uma das instituições mais importantes da religião judaica, o Templo de Jerusalém que, por estar corrompido por dentro, não consegue dar os frutos desejados por Jesus e por todo o povo judeu².

2. FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*, I. São Paulo: Loyola, 1990, p. 554-555.

Esse trecho do evangelho, composto de narrativas e ensinamentos, está inserido na segunda parte do texto de Marcos (capítulos 8 a 16), em que Jesus caminha com seu discipulado até Jerusalém, onde se dará o desfecho de sua missão.

No contexto literário mais amplo, a perícopes de Mc 11,15-17 tem paralelo com Mt 21,12-17; Lc 19,45-46 e Jo 2,13-17. A diversidade entre os quatro relatos pode ser explicada pela variedade de fontes (tradições orais ou escritas) que se tinha no momento em que os evangelhos foram escritos, bem como pela perspectiva literária de cada evangelho.

Em Mateus, dois acréscimos são feitos ao texto de Marcos: 1) Em Mt 21,14, os cegos e aleijados chegaram perto de Jesus no Templo, e Ele os curou; 2) Em Mt 21,15-17, temos um embate dos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei com Jesus. Eles ficaram indignados, quando viram as maravilhas que Jesus fazia, e as crianças gritando no Templo: “Hosana ao filho de Davi!” Ao ser questionado por essa atitude das crianças, Jesus se defende provocando: “Vocês nunca leram na Escritura: ‘Da boca das crianças e dos que mamam tiraste um louvor?’”

Em Lucas (19,47), a novidade com relação a Marcos é que Jesus ensinava todos os dias no Templo.

Em João (2,13-17), a intervenção no Templo se dá numa primeira peregrinação de Jesus a Jerusalém, por ocasião da Páscoa dos judeus. Este episódio é narrado pelos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas (evangelhos sinóticos, semelhantes em muitos detalhes), na última semana de Jesus, após a narração de sua entrada em Jerusalém. Outro acréscimo em João é que o comércio no Templo era de bois, ovelhas e pombas (Jo 2,14). Além disso, Jesus age de forma mais contundente: fez um chicote de cordas e expulsou todos do Templo junto com as ovelhas e os bois; esparramou as moedas e derrubou as mesas dos cambistas (Jo 2,15). Há também uma discussão dos dirigentes dos judeus com Jesus sobre o sinal da destruição do Templo (Jo 2,18-22), que será soerguido em três dias, numa referência ao corpo de Jesus ressuscitado, concebido teologicamente por João como o novo santuário, que substitui o de Jerusalém.

1.2 Aspectos literários mais importantes de Mc 11,15-19

A narrativa da intervenção de Jesus no Templo de Jerusalém pode ser interpretada a partir da seguinte construção:

Introdução (Mc 11,15a): “Chegaram a Jerusalém”

Primeira parte (Mc 11,15b-16): Intervenção enérgica no Templo

- Mc 11,15b Contra o comércio

- De moedas

- De pombas

- Mc 11,16 Contra o culto

- Proibição de circulação

de objetos de culto no Templo

Segunda Parte (Mc 11,17): Ensino profético

- Mc 11,17a Isaías

- Mc 11,17b Jeremias

Terceira parte (Mc 11,18): Reação das autoridades

- Mc 11,18a Chefes dos sacerdotes e escribas (Sinédrio) tomam para si as palavras de Jesus e procuram matá-lo

- Mc 11,18b Eles têm medo de Jesus por causa da multidão

Conclusão (Mc 11,19): “Ao entardecer, Ele se dirigiu para fora da cidade”.

Introdução (Mc 11,15a): “Chegaram a Jerusalém”.

Frase de conexão entre narrativas. Jesus e seu discipulado já haviam chegado à cidade, no dia anterior, conforme narrativa da entrada triunfal em Jerusalém (Mc 11,1-11). Nesses dias, pernoitaram em Betânia. Assim que entrou na cidade, Ele se dirigiu ao Templo e, tendo observado tudo a sua volta, sendo a hora já tarde, saiu para Betânia com os Doze (Mc 11,11).

Primeira parte (Mc 11,15b-16): Intervenção enérgica de Jesus

“Entrando no Templo, Ele [Jesus] começou a expulsar os vendedores e os compradores que lá estavam. Derrubou a mesa dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas.”

Provavelmente, a cena ocorre no átrio dos gentios, um pátio dentro do Templo. Esse pátio era acessível a todos, separado dos outros pátios por uma balaustrada (parte da construção que serve de limite entre o que está dentro e o que está fora), na qual havia inscrições que proibiam a entrada dos gentios nos pátios internos, sob pena de morte³.

3. McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 915, verbete “Templo”.

Ali, segundo Marcos, havia um comércio, “os que vendiam e os que compravam”, “cambistas” e “vendedores de pombas”. No texto paralelo do Evangelho de João (2,14), acrescenta-se “vendedores de bois e ovelhas”. Os cambistas ofereciam aos judeus, vindos do estrangeiro, oportunidade de trocar suas moedas, quer para comprar as oferendas, quer para pagar a didracma ou imposto do Templo⁴.

Mc 11,16: “Ele [Jesus] não deixava ninguém carregar nada através do Templo”. Não há menção a isso nos demais evangelhos. Provavelmente seja uma referência ao fato de que o átrio dos gentios servia de atalho entre a cidade e o Monte das Oliveiras; isso, com certeza, causava certa perturbação no ambiente sagrado do Templo.

Segunda parte (Mc 11,17): Ensino profético

Jesus, após a sua ação virulenta, ensina o povo no Templo, e o faz a partir de oráculos (palavras de Deus) proferidos por Isaías e Jeremias.

Interessante notar que, na citação de Is 56,7 (“Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”), o final dessa citação, “para todos os povos”, não aparece nos textos paralelos da expulsão dos vendilhões do Templo. Isso denota que, na perspectiva do Evangelho de Marcos, a purificação do Templo é por inteiro, e começa pelo átrio dos gentios (não judeus)⁵. O Templo todo, desde o átrio dos gentios, é “casa de oração”, lugar de encontro com Deus, aberto a todos os povos, sem discriminações entre área profana e área sagrada.

Ao dizer a frase “Vós, porém, fizeste dela [de minha casa] *um covil de ladrões*”, está explicitada a causa da ação de Jesus no Templo.

Há uma clara referência a um trecho do oráculo de Jeremias, que está em Jr 7,11: “Este Templo, onde meu Nome é invocado, será porventura um covil de ladrões a vossos olhos?” Esse trecho de Jeremias deve ser compreendido no contexto literário do oráculo completo, que está em Jr 7,1-11:

¹Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de Iahweh:

²“Posta-te à porta do Templo de Iahweh e anuncia ali esta palavra e dize: Escutai a palavra de Iahweh, vós todos, judeus, que entrais por estas portas para adorardes Iahweh.

³Assim disse Iahweh dos exércitos, o Deus de Israel:

4. TEB – BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994, nota de rodapé “g” que comenta Mc 11,12.

5. TEB – BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, nota de rodapé “v” que comenta Mc 11,17.

Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar. ⁴Não vos fieis em palavras mentirosas dizendo: “Este é o Templo de Iahweh, Templo de Iahweh, Templo de Iahweh!”

⁵Porque se realmente melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se realmente praticardes o direito cada um com seu próximo, ⁶se não oprimirdes o estrangeiro, o órfão e a viúva, se não derramardes sangue inocente neste lugar e não correrdes atrás dos deuses estrangeiros para vossa desgraça, ⁷então eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais há muito tempo e para sempre.

⁸Eis que vós vos fiais em palavras mentirosas que não podem ajudar. ⁹Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a Baal, correr atrás de deuses estrangeiros que não conheceis, ¹⁰depois virdes e vos apresentardes diante de mim, neste Templo, onde o meu nome é invocado, e dizer: “Estamos salvos!”, para continuar cometendo essas abominações! ¹¹Este Templo, onde o meu Nome é invocado, será porventura um covil de ladrões a vossos olhos? Mas eis que eu também vi, oráculo de Iahweh.

O tema desse trecho de Jeremias se insere na ampla tradição que examina as relações entre o culto agradável a Deus e a prática da justiça (conforme o Sl 50 e Is 1,10-20). O discurso remonta ao ano 608 ou 609 a.C., conforme circunstâncias e consequências relatadas em Jr 26. A crítica que se faz, sobretudo em Jr 11,8-11, é que as ofertas e o culto no Templo permitem expiar ritualmente os pecados, sem exigir a emenda, mudança de comportamento. Isso acomoda as pessoas a uma instância periódica institucional que garante o ajuste de contas sem exigir conversão. É assim que se gera o “círculo vicioso” de injustiça, perdão, injustiça; a visita periódica ao Templo é compreendida pelos fiéis, com a convivência da classe religiosa, como suficiente para restabelecer as boas relações, tanto pessoais como coletivas, com o Senhor⁶.

O Templo, longe de ser uma toca onde pecadores encontram refúgio, lugar das oferendas pelos pecados que dão uma falsa sensação de perdão e salvação, sem a necessária mudança de comportamento (“traçam seus planos para continuar cometendo as mesmas abominações”), deveria ser o lugar não só das oferendas pelos pecados, mas o local por excelência do encontro com o Deus da vida, cujo culto agradável consiste na mudança de comportamento pessoal e comunitário, em prol da vida.

Na perspectiva da tradição profética, percebe-se mais claramente o alcance dos gestos e das palavras de Jesus, na cena da expulsão dos vendedores

6. SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J.L. Sicre. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 470.

e cambistas. Não é mais o primeiro Templo⁷, conhecido por Jeremias, mas o problema enfrentado por Jesus não é diferente.

Terceira parte (Mc 11,18): Reação das autoridades

A denúncia profética na boca de Jesus faz emergir na cena, de repente e de forma ameaçadora, os verdadeiros responsáveis por tal situação: “os chefes dos sacerdotes” e os “escribas”.

A narrativa deixa claro que a carapuça caiu de cheio na cabeça deles; tomaram para si a crítica “Vós fizestes [da minha casa] um covil de ladrões”. Por isso a reação é imediata: procuravam como matar Jesus, mas o temem por conta de sua popularidade diante da multidão, maravilhada com seu ensinamento.

Interessante notar como os personagens citados reagem diante da Palavra de Deus proferida pelos profetas. Enquanto os chefes dos sacerdotes e dos escribas tramam a morte de Jesus e temem a sua pessoa, a multidão está “maravilhada com seu ensinamento”.

Conclusão (Mc 11,19): Ao entardecer, Jesus “dirigiu-se para fora da cidade”

Segundo Mc 11,11-12 e Mt 21,17, Jesus e seus discípulos, nos últimos dias antes de sua morte, passaram a noite em Betânia. Isso aconteceu, provavelmente, porque em Betânia ficava o acampamento dos galileus, por ocasião da Festa da Páscoa⁸.

2. O contexto histórico de Mc 11,15-19

A partir dos aspectos literários ressaltados sobre a narrativa de Mc 11,15-19, três pontos devem ser aprofundados, do ponto de vista histórico: primeiro, a existência de um forte comércio no Templo de Jerusalém, com vendedores e compradores de moedas, por meio de cambistas, e vendedores de animais para o sacrifício (por exemplo, pombas); segundo, a proibição de carregar objetos religiosos utilizados no culto; e, terceiro, os que enriqueciam com esse comércio lucrativo.

Vejamos cada um desses pontos, buscando compreender suas repercussões históricas naquele período.

7. “Primeiro Templo”, referência à primeira construção do Santuário em Jerusalém, que remonta à época do Rei Salomão (961-922 a.C.), e que passou por inúmeras reformas até ser destruído durante a tomada de Jerusalém pela Babilônia (587 a.C.).

8. JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 89-90.

2.1 A existência do comércio no Templo

O comércio no Templo fazia parte da rotina daquele espaço sagrado. Os “cambistas” trabalhavam na troca de moedas, sem as quais não haveria o comércio; “os vendedores” ganhavam o sustento oferecendo animais para serem sacrificados, e os “compradores” eram peregrinos que precisavam desses animais para o culto a Deus⁹.

Vejam, um pouco mais, em detalhes, o perfil dos personagens desse comércio no Templo.

Os cambistas

No átrio ou praça dos gentios, onde se realizava o comércio no Templo, peregrinos de várias regiões da Palestina ou da diáspora necessitavam trocar suas moedas estrangeiras por moedas locais de Jerusalém para o pagamento das taxas e compra de animais a serem oferecidos como sacrifício religioso¹⁰.

Esse era o serviço prestado pelos cambistas. Eles trocavam moedas gregas ou romanas dos peregrinos, em moedas da Judeia ou de Tiro, as únicas com que se podia comercializar e pagar as dívidas com o Templo. Devido ao fato de Jerusalém ser extremamente cosmopolita, com rendas provenientes da diáspora judaica espalhada sobre todo o mundo mediterrâneo, os cambistas devem ser vistos como representantes dos interesses de pessoas que estavam por trás de toda essa movimentação financeira, e que, por isso mesmo, detinham considerável poder econômico¹¹.

O comércio dos vendedores de pombas

A referência aos que vendiam pombas (e pássaros) denota um comércio voltado para os fiéis mais pobres: purificação de mães que acabaram de dar à luz (Lc 2,24; Lv 12,8); purificação de leprosos (Lv 14,22) e outras finalidades (Lv 15,14.29).

Segundo Joachim Jeremias, os sacrifícios dos pobres, dois *qinnîm* (dois pássaros, um par de pombas ou de rolas) chegaram a custar um denário de ouro, cada um. Diante desse preço exorbitante, houve uma intervenção no sentido de reduzir esse valor, feita por Rabban Shimeon, filho de Gamaliel I (mestre de Paulo, At 22,3), membro influente do Sinédrio na época da guerra judaica (66 a 73 d.C.)

9. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 360.

10. FABRIS. In: BARBAGLIO; FABRIS; MAGGIONI. *Os Evangelhos* (I), 1990, p. 553.

11. MYERS. *O Evangelho de São Marcos*, 1992, p. 361. Sobre moedas, ver site disponível em: <http://iadm.blogspot.com.br/2012/05/as-moedas-dos-tempos-biblicos.html>. Acesso em 11 de abril de 2017.

Ele declarou: “Por esta morada [o Templo] não dormirei esta noite antes de tê-los feito baixar de preço a um denário [de prata]”. Então ele foi ao tribunal e determinou: Em certos casos, é suficiente, em lugar de cinco sacrifícios de pássaros, trazer um só [ele temia que os pobres, em consequência do preço elevado, não pudessem oferecer sacrifícios]. No mesmo dia o preço dos dois *qinnîm* baixou para ¼ de denário [de prata] cada um. Como o denário de ouro vale 25 denários de prata, este decreto do Sinédrio, segundo a Mishnah, provocara a redução de 9%, ficando em 1% do preço anterior original¹².

A ação de Jesus ao virar as mesas dos que vendiam pombas pode sugerir alguma crítica aos preços exorbitantes cobrados pelos pássaros utilizados como sacrifício dos pobres? Mesmo que o fato referido acima tenha ocorrido durante a redação do Evangelho de Marcos (por volta do ano 65 a 67), pode ser que esses abusos no preço das aves já existissem no tempo de Jesus.

Enfim, cambistas e vendedores de pombas representavam os mecanismos concretos de opressão dentro de uma economia que explorava duplamente os pobres e os impuros. Não só eles eram considerados cidadãos de segunda classe, mas o culto os obrigava a fazer reparação, por meio de sacrifícios, por causa do seu *status* inferior – situação em que os comerciantes tiravam proveito¹³.

2.2 A proibição de carregar objetos religiosos no Templo

“Jesus não permitiu que ninguém carregasse objetos [do grego *skeuos*, que significa aqui vasos ou peças necessárias para o culto] através do Templo”. Com essa proibição, fica evidente que a mensagem é mesmo acabar com todas as operações ali existentes¹⁴.

Jesus quer que tenha fim todo o sistema cultural no Templo. O ato é coerente com os anteriores, ao “virar” (*katestrepsen*, que também significa “destruir”) os lugares usados pelos cambistas e vendedores de pombas.

O culto no Templo era um círculo vicioso, baseado na exploração econômica baseada na lógica religiosa da purificação ritual. Do ponto de vista econômico, o sistema se apropriava dos poucos recursos dos pobres, que compravam, a preços exorbitantes, animais para serem oferecidos em sacrifício; e, do ponto de vista religioso, o sistema cultural baseado no puro-impuro mantinha a lógica perversa da purificação, que obrigava os pobres a fazerem reparação contínua dos seus pecados e impurezas por meio de sacrifícios de animais que compravam a preços exorbitantes.

12. JEREMIAS. *Jerusalém no tempo de Jesus*, 1983, p. 51. MYERS. *O Evangelho de São Marcos*, 1991, p. 361.

13. MYERS. *O Evangelho de São Marcos*, 1992, p. 362.

14. Id., *ibid.*

Isso fazia do átrio dos gentios e de todo Templo, com sua intensa movimentação, um ambiente impróprio para o recolhimento espiritual, impossibilitando a necessária concentração para a oração. Aquele espaço sagrado, que deveria ser casa de oração, foi transformado num autêntico covil de ladrões¹⁵.

2.3 Os que enriquecem às custas do comércio no Templo tramam matar Jesus

A indignação de Jesus no Templo dificilmente poderia ser atribuída a uma mera descoberta da existência do comércio naquele local, uma vez que isso fazia parte da rotina daquele espaço sagrado¹⁶. Ao investir contra os vendedores e compradores do Templo de Jerusalém, num período como o da Páscoa, e criticar os que faziam da casa de oração, para todos os povos, um covil de ladrões, Jesus denuncia indiretamente os que lucravam com esse comércio.

A carapuça caiu sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “escribas”. Eles aparecem de repente na narrativa, após a denúncia indireta de Jesus:

Os chefes dos sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam como fazê-lo perecer; eles o temiam, pois a multidão estava maravilhada com seu ensinamento (Mc 11,18).

Os “chefes dos sacerdotes”, em grego, *arquiéreis*, tal como está escrito no plural, não designa um único sacerdote, mas os chefes das famílias sacerdotais¹⁷, dentre as quais era escolhido o sumo sacerdote¹⁸. Foi essa aristocracia sacerdotal constituída de famílias que tinham o controle do comércio e dos lucros do Templo, foi essa elite que se sentiu ameaçada pelas ações e palavras de Jesus, naquele recinto.

De fato, naquele tempo, a corrupção da hierarquia sacerdotal de Jerusalém era objeto de severa denúncia. Veja-se, por exemplo, o *Testemunho de Moisés*, escrito que remonta originalmente, ao que parece, à primeira metade do século II a.C. e “atualizado” no século I d.C.:

“Eles fugirão da justiça e se voltarão para a iniquidade” e “eles contaminarão a casa de seu culto com profanações” [...], não seguirão a vontade de Deus, mas alguns contaminarão o altar com as ofertas que levarão ao

15. TEB – BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, 1994, nota de rodapé “u” que comenta Mc 11,16.

16. MYERS. *O Evangelho de São Marcos*, 1992, p. 360.

17. McKENZIE. *Dicionário bíblico*, 1983, p. 818, verbete “Sacerdote”.

18. Desde 37 a.C., quando a Palestina já estava sob o domínio romano (que começou em 63 a.C.) e sob Herodes, o Grande (40 a.C.-4 d.C.), o cargo recebeu essencialmente valor político nas mãos do governo secular e foi monopolizado por algumas poucas famílias de grão-sacerdotes (“chefes” dos sacerdotes). O sumo não era apenas o chefe do culto, mas também o presidente do Sinédrio e o chefe representante do povo diante dos funcionários governamentais dos poderes estrangeiros que dominaram a Palestina durante esses séculos. McKENZIE, *Dicionário bíblico*, 1983, p. 817, verbete “Sacerdote”.

Senhor [...], aceitarão presentes e farão comércio dos preceitos, aceitando honorários (5,3-5). Governarão entre eles homens nocivos e ímpios [...] que gostam de fazer exageros a toda hora do dia, ávidos e glutões [...] devoradores dos bens dos pobres (7,1-6)¹⁹.

Os “escribas” são pessoas versadas nas palavras dos mandamentos de Iahweh, conforme Esd 7,11. É o estudioso e o intelectual do judaísmo que recebe o título de “rabi”, mestre. Sua erudição era o conhecimento da Torá, a Lei de Deus, considerada como a suma sabedoria. Sua posição na comunidade judaica era a respeitável posição de guia.

Tem-se notícia de que escribas trabalhavam no Templo como sacerdotes; outros exerciam a função de ensinar aos sacerdotes as regras do sangramento dos animais oferecidos, ou de ensiná-los a fazer as ofertas alimentares segundo as prescrições²⁰.

Que razões tinham os escribas de conspirar para matar Jesus? Para responder essa pergunta, é importante notar que a hostilidade dos escribas para com Jesus está presente em diversas passagens dos evangelhos. Em Mc 1,22, por exemplo, encontramos a afirmação de que Jesus “ensinava com autoridade e não como os escribas”.

Isso pode referir-se ao fato de que o ensinamento de Jesus era seu próprio, numa interpretação pessoal, mais aberta, e não uma mera compilação de citações da Torá e das tradições dos anciãos, apresentadas de forma fundamentalista para obrigar observância cega das Escrituras. Como a maioria dos escribas era de origem farisaica (os fariseus aderiam à interpretação e observância estrita da Torá), pode-se inferir que, para eles, “mestres” populares como Jesus constituíam uma ameaça à integridade da Torá, concebida como o coração do judaísmo. Somente reconhecendo essa devoção à Lei de Moisés, devoção à Torá, pode-se compreender a profunda hostilidade dos escribas para com Jesus²¹.

Escribas do Templo, em cumplicidade com os chefes dos sacerdotes, tramam a morte de Jesus. Eles faziam parte do Sinédrio, que era composto nessa época de três classes de pessoas: os anciãos, ou seja, os mais velhos dentre os chefes das famílias e dos clãs; os sumos sacerdotes, isto é, os ex-sumos sacerdotes e os anciãos das quatro famílias sumo sacerdotais; os escribas que geralmente eram membros da seita dos fariseus. Parece que os escribas, consultores jurídicos religiosos da Torá, foram admitidos no Sinédrio em meados do século I a.C. O Sinédrio era composto por setenta e um membros, inclusive o presidente, que era o sumo sacerdote então exercendo a função. Provavelmente esses membros eram

19. BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia*: pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 522-523.

20. JEREMIAS. *Jerusalém no tempo de Jesus*, 1983, p. 164.

21. McKENZIE. *Dicionário bíblico*, 1983, p. 291, verbete “Escriba”.

eleitos, talvez em caráter vitalício. Na época de Jesus, a jurisdição do Sinédrio limitava-se à Judeia, não abrangendo a Galileia. Em geral, o Sinédrio era o tribunal supremo da nação judaica, conforme a prática comum dos romanos de manter nas províncias os tribunais locais, administrados por elementos locais. A competência do Sinédrio tinha caráter tanto religioso como secular, e a Lei judaica constituía a norma das suas ações²².

Pelo exposto sobre o Sinédrio, podemos deduzir que em Mc 11,15-19, na intervenção de Jesus dentro do Templo, já encontramos a reação de membros do Sinédrio (os citados “chefes dos sacerdotes” e dos “escribas”) que, em conluio, tramam a morte de Jesus. De fato, segundo os evangelhos, parece que o processo de Jesus desenvolveu-se durante duas seções do Sinédrio: uma à noite, na casa do sumo sacerdote Caifás (Mt 26,59-75; Mc 14,55-65), e outra na própria sede do Sinédrio, na madrugada do dia seguinte (Lc 22,66)²³.

Sem dúvida, Jesus foi morto por questões históricas bem definidas. O elemento decisivo para a condenação à morte foi sua atuação no Templo, tomada como crítica aos que detinham o poder econômico naquele local sagrado: a aristocracia de Jerusalém, cujas rendas dependiam do Templo.

A crítica ao Templo aguçava a hostilidade da aristocracia sacerdotal de Jerusalém, mas nunca tinha sido motivo de sentença de morte. Tem-se notícia de um certo Jesus, filho de Ananias, que profetizou contra o Templo de Jerusalém, e foi preso para que se evitasse distúrbios durante uma das festas judaicas²⁴. Mas, no caso de Jesus, a hostilidade não foi somente pelos distúrbios no Templo. O elemento decisivo para a hostilidade contra Jesus foi que, por meio dos distúrbios no Templo, os interesses do Sinédrio foram diretamente afetados²⁵. São os interesses e lucros da classe dirigente que controlam os empreendimentos comerciais no mercado do Templo que Jesus ataca²⁶. Os responsáveis pelo Templo transformaram a casa de oração num comércio ganancioso, cujo objetivo era tão somente o enriquecimento às custas da fé do sofrido povo de Israel.

3. A mensagem teológica de Mc 11,15-19

Jesus aparece na narrativa como um dos antigos profetas de Israel que se levanta contra os desvios da prática cultural para restabelecer sua pureza e sua genuinidade. Na sua denúncia, se reportando a Is 56,7, Jesus relembra que o Templo

22. McKENZIE. *Dicionário bíblico*, 1983, p. 885, verbete “Sinédrio”.

23. McKENZIE. *Dicionário bíblico*, 1983, p. 886, verbete “Sinédrio”.

24. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 491.

25. THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico*, 2002, p. 489.

26. MYERS. *O Evangelho de São Marcos*, 1992, p. 361.

deveria ser uma casa de oração, atividade totalmente gratuita e sem despesas com sacrifícios religiosos, comprados a preços exorbitantes, sobretudo para os pobres.

Portanto, afirma Joachim Gnilka²⁷, não é o ambiente sagrado do Templo que é indigno, mas antes a maneira como no Templo as pessoas se comportam, dos fiéis aos responsáveis pelo culto e pela administração do local. A ação de Jesus passa a ser então uma apaixonada convocação a uma mudança de mentalidade, um apelo à conversão. Nesse sentido, essa ação concorda com sua crítica a outras instituições importantes dentro do judaísmo, tais como a crítica à prática da Lei [Torá], a crítica ao Sábado, que Ele também não pretendia abolir, mas sim restaurar de acordo com a vontade de Deus. Desse modo, o protesto de Jesus no Templo tem como objetivo a sua restauração na vinda definitiva do Reino de Deus, conforme a escatologia²⁸ judaica estampada no belo poema de Tb 13,17-18:

¹⁷porque Jerusalém será reconstruída,
e seu Templo aí estará para sempre.
Feliz de mim, se restar alguém do meu sangue
para ver sua glória e louvar o rei do céu.
As portas de Jerusalém serão reconstruídas
com safiras e esmeraldas,
e todas as suas muralhas com pedras preciosas.
As torres de Jerusalém serão construídas de ouro,
e de ouro puro os seus baluartes.

As ruas de Jerusalém serão calçadas
com turquesas e pedras de Ofir.

¹⁸As portas de Jerusalém ressoarão com cantos de júbilo,
e em todas as suas casas aclamarão: Aleluia!
Bendito seja o Deus de Israel!
Benditos aqueles que bendizem o seu Nome santo,
Para todo o sempre!

A ação de Jesus em Mc 11,15-19, no contexto literário dos capítulos 11 e 12, desmascara definitivamente as forças do mal no coração de Jerusalém, dentro de um dos pilares da religião judaica, o Templo. É uma atividade messiânica, plenamente coerente com sua primeira campanha missionária na Galileia, em que, segundo Ched Myers, Jesus age “para desacreditar os aparatos sociossimbólicos que discriminavam os fracos e os pecadores”²⁹.

27. GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 257-258.

28. Escatologia (do grego *eschatos*, “último”, mais o sufixo *logia*) é uma área da Teologia das coisas que devem acontecer no fim dos tempos.

29. MYERS. *O Evangelho de São Marcos*, 1992, p. 362.

De fato, em Mc 2,17 lemos: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores”. Os mais pobres, pelo que estudamos até agora, não tinham condições de purificar-se no Templo, em virtude do valor exorbitante das ofertas de purificação.

Desde o primeiro relato de milagre na sinagoga de Cafarnaum, em dia de Sábado (Mc 1,21-28), até agora, no relato de sua atuação no Templo de Jerusalém (Mc 11,15-19), Jesus se mantém fiel aos mais pobres, excluídos e estigmatizados com impureza religiosa, desmascarando o sistema religioso vigente que contribui para mais exclusão e estigmatização socioreligiosa.

Conclusão

Concluo este nosso estudo esperando que tenha sido compreendido pelos leitores. Jesus, em confronto com as forças do mal, está presente no Evangelho de Marcos em diversas ações: curando pessoas de suas mazelas físicas e mentais; denunciando hipocrisia religiosa; ensinando com autoridade, a partir de hermenêuticas (interpretações) atualizadas da Torá, sem ficar preso à leitura fundamentalista.

Em nossa perícopes (Mc 11,15-19), Jesus atua no coração do sistema religioso judaico de sua época: Jerusalém, Templo de Jerusalém, num período da Páscoa judaica. O que Ele quer? Quais suas intenções?

Penso que o leitor atento deste texto pode tirar suas conclusões. A coerência de Jesus, como líder religioso galileu, que agia na periferia do centro de Jerusalém, tinha de atingir o coração do sistema sócio-político-religioso da Palestina. E o fez de forma coerente, advertindo seu discipulado dos perigos que viriam desta postura. Sua atuação em Jerusalém e no Templo é admirável. Ele continuou coerente com sua missão. E o fez de tal modo, que as autoridades judaicas (chefes dos sacerdotes e escribas) tinham receio de sua popularidade junto ao povo.

Penso que esse texto serve de alento, fôlego, hálito de vida, ânimo, coragem, vigor para continuar apaixonadamente fiel ao seguimento de Jesus, sem se deixar alienar por forças religiosas e ou políticas, no tempo que se chama hoje.

João Luiz Correia Júnior

Rua das Ninfas, 189. Ed. Mozart, 1401,

bairro da Soledade

51070-055 Recife, PE

E-mail: jota@unicap.br

Bibliografia

BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia*: pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*, I. São Paulo: Loyola, 1990.

GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983.

McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*, I. São Paulo: Loyola, 1990.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J.L. Sicre. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988.

TEB – BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

THEISSEN Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.